

NOTAS SOBRE PESQUISA COM CRIANÇAS EM LUTA POR MORADIA: INTERPELAÇÕES DO CAMPO, OU, QUANDO O PRESIDENTE DIZ “E DAÍ?”

NOTES ON RESEARCH WITH CHILDREN IN STRUGGLE FOR HOUSING: INTERPELLATIONS FROM THE FIELD, OR, WHEN THE PRESIDENT SAYS “SO WHAT?”

Marcia Aparecida Gobbi 1
Cleriston Izidro dos Anjos 2
Paula Martins Vicente 3

Resumo: O artigo intitulado “Notas sobre uma pesquisa com crianças: interpelações do campo, ou, quando o presidente diz ‘e daí?’” apresenta um conjunto de inquietações que tem surgido em nossos percursos investigativos com crianças em movimentos sociais de luta por moradia, tendo como recortes a produção de seus espaços na luta e suas representações, bem como a presença das famílias nas instituições educacionais por elas frequentadas. Investigar essas questões exige caminhos a serem construídos junto às crianças e não apenas no interior de suas moradias buscando compreender as relações mantidas com o entorno em que vivem. Estar e pesquisar com as crianças e suas famílias moradoras de ocupações implica experimentar outras formas de fazer pesquisa que buscam estreitar e conhecer essas privilegiadas parceiras. Partindo do princípio de que as questões epistemológicas, metodológicas e éticas orientam nossos modos de fazer pesquisa também apresentamos alguns caminhos e instrumentos adotados em nossas investigações, dentre os quais, podemos citar o uso de desenhos, de fotografias, de proposições de oficinas e entrevistas como formas de conhecer os modos de vida das crianças e de suas famílias, com destaque para as mulheres e as crianças desses contextos.

Palavras-chave: Pesquisa com Crianças. Luta por Moradia. Infância e Cidade. Família e Escola.

Abstract: The article entitled “Notes on research with children in struggle housing: interpellations from the field, or, when the president says “so what?”” presents a set of concerns that have arisen in our investigative pathways with children in social movements struggling for housing, clipping the production of their spaces in the social struggle and their representations, as well as the presence of families in the educational institutions they attend. Investigating these issues requires paths to be built with children and not just inside their homes, seeking to understand the relations maintained with the environment in which they live. Being and researching with children and their families living in occupations implies trying other ways of doing research that seek to narrow and get to know these privileged partners. Based on the principle that epistemological, methodological and ethical issues guide our ways of doing research, we also present some paths and instruments adopted in our investigations, among which we can mention the use of drawings, photographs, workshop proposals and interviews as means of knowing the ways of life of children and their families, highlighting on women and children from these contexts.

Keywords: Research with children. Struggle for housing. Childhood and city. Family and school.

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e 1
Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, atuando nos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais e de Pedagogia e junto Programa de Pós-Graduação em Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7741789991636762>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9850-0190>. E-mail: mgobbi@usp.br

Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual 2
Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Alagoas e Pós-Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professor da Graduação em Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. Membro do Corpo Docente do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Universidade Katyavala Bwila (Angola), Membro Colaborador Doutorado do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Portugal) no grupo “Contextos, quotidianos e bem-estar da criança” Integrante da Frente Nordeste Criança (Representação Alagoas) e da Rede Infâncias Negras. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7481303031221773>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1040-4909>.
E-mail: cianjos@yahoo.com.br

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de 3
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Mestrado em Arquitetura pela mesma instituição, na área de concentração “Paisagem e Ambiente” (Linha de pesquisa “Paisagem e Sociedade”), em que pesquisou a relação das crianças com os espaços livres públicos da cidade, com enfoque nas áreas periféricas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2150803149758461>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7768-598X>. E-mail: paulamv.arq@gmail.com

O futuro é o que mais estremece, o que mais gera desconfiança. Por toda parte se propaga o discurso de que o mundo mudou para sempre e jamais seremos os mesmos. Em tal discurso, o futuro é estreito, não se estende além dos próximos meses, do próximo ano, desconsidera a possibilidade dos anos plurais, das décadas. Nessa ausência de horizonte, a paralisia do tempo se torna paralisia geral, se torna pandêmica. Tantos de nós vamos cancelando projetos, e nos parecem insensatos os trabalhos que faríamos, as festas que daríamos, inúteis as aulas que poderíamos cursar, fúteis os livros que escreveríamos....
Julian Fucks

Introdução

Este artigo se compôs durante longo processo e é finalizado num momento em que tudo faz com que a escrita, as pesquisas, os livros pareçam fúteis, como alude o leve e denso ensaio de Julian Fucks, citado na epígrafe. Enquanto escrevemos, especialmente durante esse primeiro ano de pandemia (2020), a sensação é a de que não há horizontes, e que o futuro foi desfeito rapidamente diante de nossos corpos. Da pandemia – Covid-19 – deriva o sentimento de retardar o futuro e ficar num presente trágico, que nos dá algumas certezas em convívio intermitente com tantas inseguranças quanto ao que nos espera no amanhã.

Fomos nos enlaçando ao contexto político, social e econômico confinados em nossas casas num engessamento sufocante de ideias que deslocou em parte nossos propósitos iniciais e impôs questões voltadas à real importância de discutir metodologias de pesquisas com e sobre crianças em tempos de pandemia. O fato é que, enquanto redigíamos, fomos pegos por essa onda e nos transformamos em quase objetos de nós mesmos na tentativa de escrever enquanto o barco está numa tormenta e à deriva. Ainda que as vidas tenham se reduzido à preocupação com a nossa sobrevivência, dos familiares e do mundo e, manter-nos vivos seja hoje a nossa maior rebeldia, em especial para determinados grupos sociais, a presença da Covid-19 no contexto brasileiro e a pandemia que atinge o mundo, exige que nos posicionemos em diferentes campos.

Um entre tantos efeitos da Covid-19¹, certamente menor, relaciona-se às pesquisas em campo, mote deste artigo. A escrita de artigos e de livros resulta de projetos e exigem uma projeção no tempo apontando para o horizonte e o ato de pesquisar e escrever guarda expectativas. Julgamos importante que no artigo que apresentamos aqui constem algumas das indagações impostas por esse momento, pois não sendo obras do acaso, as reflexões teóricas, assim como as temáticas pesquisadas, têm origem nas condições em que são produzidas e as marcam. Seguimos.

A escrita desse artigo é fruto de inquietações sobre as metodologias de pesquisa utilizadas quando se quer investigar com e sobre crianças e resulta de experiências concretas no desenvolvimento das pesquisas “Imagens de São Paulo: moradia e luta em regiões centrais e periféricas da cidade a partir de representações imagéticas criadas por crianças”² e “Famílias em luta por moradia e as Instituições de Educação Infantil e de Ensino Fundamental da cidade de São Paulo: entre a segregação e o acolhimento”³. Ambas buscam reconhecer, num dos recortes da investigação, as crianças em movimentos sociais de luta por moradia, a produção de seus espaços na luta e suas representações presentes no primeiro projeto e a presença das famílias e das instituições educacionais, na segunda pesquisa mencionada. Busca-se saber como as crianças procedem às lutas pelo direito à moradia, um dos muitos desdobramentos do direito à cidade e, com isso, como se dá, com elas, a produção do espaço dos edifícios ocupados,

1 Dentre os trabalhos que tratam das reflexões sobre “Infâncias, Educação Infantil e Covid-19”, sugere-se a leitura dos artigos publicados nos dossiês especiais “As crianças e suas infâncias em tempos de pandemia” (SANTOS e SARAIVA, 2020) e “Educação Infantil em tempos de pandemia” (ANJOS e PEREIRA, 2021).

2 Pesquisa com apoio FAPESP sob responsabilidade da Profa. Dra. Marcia Aparecida Gobbi.

3 Pesquisa de Pós-Doutorado em Educação do Prof. Dr. Cleriston Izidro dos Anjos, realizada com apoio CAPES, sob supervisão da Profa. Dra. Marcia Aparecida Gobbi na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

ou das Ocupações⁴. Apreender essas questões exige caminhos que foram construídos junto às crianças e não apenas no interior de suas moradias buscando compreender as relações mantidas com o entorno em que vivem.

Para o enfrentamento e apresentação das discussões sobre metodologias de pesquisas com crianças e dentro do cenário já apresentado, reunimos nossas reflexões em três momentos. Inicialmente, esse texto, escrito a várias mãos, traz vistas e aspectos da metodologia construída pelas pesquisadoras e pelo pesquisador individualmente. Escolhemos apresentar apenas observações ocorridas ao longo do ano de 2019 e início de 2020 – aproximadamente 15 meses de investigação -, ocorridas uma vez por semana, dentro do período das 18h00 às 20h30, no entorno da Rua Mauá, parte do perímetro histórico central da cidade de São Paulo, e dentro do edifício ocupado, a Ocupação Mauá, existente há 14 anos, quando fomos interrompidos pela pandemia.

Não temos a pretensão de apresentar caracterizações minuciosas, mas convidar leitores e leitoras a percorrer conosco alguns dos caminhos que nos levaram do espaço ao lugar. São elementos importantes que encaminham à compreensão sobre as crianças moradoras de edifícios ocupados nas regiões do perímetro histórico central da cidade de São Paulo. A partir dos espaços vistos e sentidos temos, numa pequena circunscrição, diferentes e peculiares imagens de cidade, cujas matizes vão do cinza ao colorido, a depender da chegada e de quem vê, numa imaginária paleta de cores.

Segundo nossas observações, e período de estada, podemos definir as relações como constituidoras de alguns grupos, todos coexistentes num mesmo espaço. Há o local das mulheres trabalhadoras do sexo, que se organiza, majoritariamente, do final da tarde até à noite; há o grupo dos passantes, pessoas que cruzam a rua em direção à Estação da Luz; há o do ponto dos taxistas que ficam com seus carros enfileirados à espera de seus clientes e que parecem estar à parte da movimentação local; há os botecos, que são pontos de encontro, e pequeníssimas lojas que comercializam perucas, roupas, e produtos de limpeza, em que homens e mulheres se encontram. Principalmente a partir das 20h00, há o grupo com pessoas em situação de rua que começam a se aconchegar pelas calçadas em frente à estação férrea; e ainda mais fluído, logo no início da noite, vê-se o espaço composto por crianças, poucas, que passam rapidamente na volta da escola para compras rápidas em botecos e lojinhas – os queridos do momento eram *slime*⁵ e os salgadinhos – e chegando de metrô ou trem. A presença destes pequenos grupos altera-se e produz novos espaços e lugares onde estar ou não estar. Importa sublinhar, que a despeito do que poderia ser dito, observou-se a existência, entre alguns grupos, relações cotidianas que denotam, inclusive, laços de vizinhança, especialmente, num pequeníssimo trecho, entre a ocupação e os boxes – espaço das lojinhas - de vendas de vários produtos.

Todos estes grupos – trabalhadoras e trabalhadores, estudantes, moradoras e moradores de rua, dentre outros - formam um embrenhado de relações também compostas pelas crianças que vivem nos edifícios ocupados e percorrem esses espaços diariamente transformando-os num lugar que sofre alterações, ora rasgando e expondo a desigualdade social brasileira, numa das regiões da cidade, ora evidenciando práticas de acolhimento e aproximações entre os grupos. Essas relações traduzem os lugares habitados pelas pessoas dentro da cidade e referem-se ao cotidiano vivido por elas e produzido nesta parte da cidade, bairro da Luz, onde pesquisamos. É o lugar onde a história é vivida, inclusive em seus percalços. A história da desigualdade estrutural se vê estampada em diferentes relações e formas e como orientadora das relações vistas nesse pequeno espaço. Vale reforçar que não se trata de meramente passar pela rua, mas de questioná-la e considerá-la fonte importante para compreender as relações entre todos, é onde a vida transcorre com suas contradições, nem sempre como repetição, mas também como criação (LEFEBVRE, 2013).

Num segundo momento temos uma breve apresentação de estudos sobre metodologias de pesquisas com crianças para nos aproximarmos da especificidade das meninas e dos

4 A palavra ocupação será grafada com inicial em maiúscula Ocupação quando denominar o edifício ocupado resultante da luta por moradia e da inexistência de teto para todos na cidade.

5 Também conhecida por “geleca”, “amoeba” e “cocô de unicórnio”, slime é basicamente um tipo de brinquedo de massa colorida com textura maleável e gelatinosa.

meninos residentes em edifícios ocupados. Observa-se certa prevalência de pesquisas voltadas para estudos que relacionam infância e cidade aos espaços institucionais de educação, à mobilidade e às cartografias urbanas, o que deixa lacunas quanto à compreensão de cidade das crianças periféricas, em situação de rua, em processos de remoção de terrenos ou edifícios, ou moradoras em ocupações em diferentes regiões. Embora se trate de fenômenos urbanos relativamente recentes, sabe-se que há muitos estudos com essa temática, porém, nem tantos que tratem das especificidades da infância. Nesse segundo momento, apresentamos algumas de nossas experiências em campo sem avançarmos para análises e compreensões das relações mantidas e construídas.

Num terceiro momento do artigo, avaliamos como oportuno abordar, ainda que brevemente, a brusca ruptura imposta à nossa pesquisa exigindo também que repensemos os métodos utilizados. Nos orientamos por algumas perguntas: o que é estar em campo quando ele sofre alterações brutais devido a uma pandemia? O que é querer estar em campo com as crianças quando elas não mais estão lá, ou, não podem estar sob pena de ficarem doentes? Acreditamos que nada mais será como antes, como diz a canção, após a Covid-19, e, seguramente, estar com as crianças em espaços públicos ou em suas moradias, fazer pesquisas em campo, estabelecer relações com o outro também não será a mesma coisa, o que implica iniciarmos reflexões sobre metodologias de pesquisas, mas também pensar sobre os direitos das crianças, incluindo à moradia e à cidade.

Este artigo não pretende ser conclusivo, ele deriva de pesquisas citadas e das interpeleções do campo, cujos recortes apresentamos aqui, tendo como objetivo puxar um fio de conversa que, esperamos, possa seguir em outros espaços e com mais elementos para as discussões.

Reflexões oriundas de diferentes campos: sociologia urbana, educação, estudos sociais da infância e antropologia, em especial, têm dado o tom da construção de formas respeitadas para estar com as crianças e promovido a construção de modos de ver e estar com os outros. Se há pouco tempo não considerávamos as crianças como partícipes das ações sociais e políticas porque as encarávamos como não sujeitos ou ainda como incapazes de estar em meio à tomada de decisões sobre coisas que as afetam, perguntamos como compreendê-las quando elas estão cotidianamente em luta, por um entre tantos elementos, imprescindíveis para efetivação do direito à cidade, qual seja, o direito à moradia ligado a consolidação do direito a educação em sua amplitude.

As pesquisas das quais derivam esse artigo têm seus focos voltados às crianças, contudo, não é possível descolá-las das condições em que vivem, dos locais em que habitam e que o produzem a seu modo e possibilidades. A observação e percursos em áreas do entorno da Ocupação Mauá, em diferentes condições e situações remetem a aproximações com as crianças, ora direta, ora indiretamente, em lugares também produzidos por elas. Ainda que não presencialmente, meninas e meninos, desde bebês, vão tecendo e deixando suas marcas, colaborando com as produções culturais e sociais urbanas.

O que nos interessa aqui é tratar de questões metodológicas a partir das experiências vividas. Afinal, o que nos colocaria junto às crianças proporcionando uma pesquisa *com* elas? Estar dentro do edifício ocupado, em si, já resultaria no tão procurado e aclamado estar e fazer *com* as crianças? Como levar os outros a sério? Questão levantada por Ingold (2015) à qual acrescentamos, outro elemento, qual seja, como levar as crianças à sério? E quando o assunto é direito à cidade e à moradia onde estão suas vozes, seus corpos compreendidos como algo fundamental para a própria discussão sobre o direito e sobre as lutas travadas cotidianamente? Quando a questão é direito à moradia e cidade, incluimos ainda mais questões, pois, como ficam as crianças quanto aos espaços para brincadeiras, expressões livres, espaços onde possam estabelecer relações com outras crianças e com adultos, espaços para leituras, parques e praças esteticamente agradáveis e belas? Saúde e educação estão garantidas? O que era possível ver no bairro do Bom Retiro, no percurso do entorno da Estação da Luz até o número 340 da rua Mauá, região onde pesquisávamos? Andávamos pelas ruas do entorno, e acreditávamos que esses direitos, em sua presença ou ausência, estariam inscritos nas relações estabelecidas entre todos e no modo como o espaço se constituía nos diferentes dias e tempos em que

passávamos por lá. Ao procurar por elas e intentar compreender as alegrias e peijas da vida, nos perguntávamos sobre as aproximações possíveis e os interesses ou curiosidades que nos levavam até lá. Afinal o que nos move à pesquisa?

A chegada, ou, as interpelações do campo

De início, minha observação assumiu um aspecto abstrato e generalizante. Olhava os transeuntes em massa e os encarava sob o aspecto de suas relações gregárias. Logo, no entanto, descii aos pormenores e comecei a observar, com minucioso interesse, as inúmeras variedades de figura, traje, ar, porte, semblante e expressão fisionômica.

O homem na multidão, Edgar Allan Poe

Os trens são os melhores e mais fáceis meios de transporte para chegar ao local da pesquisa, rua Mauá, 340. Mas não somente por isso, foi o meio escolhido para a chegada e ainda para se conhecer aspectos da cidade e desta parte da cidade que, talvez, não seja possível conhecer de outro modo que não aquele vivido a partir dos vagões. Advém daí a escolha e a disposição à sensibilidade e ao afetar-se (FAVRET-SAADA, 2005).

Dentro do trem da CPTM⁶ vozes ressoam. Corpos, em seus distintos ritmos, se esgueiram entre pessoas e gritam ofertas de ocasião: chocolates, fones de ouvido, garrafas de água, entre outros produtos. A voz corrente, de forma jocosa, afirma que “no shopping trem é pegar ou largar”. Se apenas procurássemos crianças na cidade, já poderíamos dizer que elas estão lá, nos vagões junto a alguns vendedores ou àqueles que pedem colaborações deixando os motivos dos pedidos em papezinhos amassados. Vale ressaltar que nunca foram vistas as moradoras⁷ da Ocupação para onde nos dirigíamos usando desse artifício dentro dos trens. As vendedoras e os vendedores pareciam não morar na região. As mudanças percebidas de dentro do vagão indicavam que a chegada estava próxima, as paisagens vistas lá fora, os tipos de vendedores e produtos vendidos, davam a entender onde estávamos, diferente das músicas tocadas na linha 4 – amarela - do metrô⁸, em que uma trilha sonora acolhe os ouvidos dos passageiros. Sinalizava-se o ponto final para alguns, ou de partida, para outros que continuam por horas, de estação em estação, até suas casas, onde o corpo trabalhador-desempregado-subempregado, supostamente descansará.

A estação da Luz, às 18h00, foi o ponto final de desembarque para ida à ocupação Mauá, durante meses, e ainda é. Ponto final para o início das jornadas de pesquisa principiadas tempos atrás. O horário foi sugerido pelas crianças e pela coordenação da ocupação por ser o período do dia em que elas estariam em casa. Afeto e receio se juntavam como temperos no caminho e se construíam amalgamados na relação com o espaço, ou melhor, com o que se transformava, sobretudo durante a noite. Ao andar, especialmente a pé, nos tornamos testemunhas da cidade. Andar “é uma prática preciosa porque pouco ocultada pelas representações abstratas; ela deixa ver como a vida do habitante é petrificada de sensações muito imediatas e de ações interrompidas” (CARLOS, 2007, p, 18). O espaço por onde andávamos e

6 Companhia Paulista de Trens Metropolitanos.

7 A grafia usada aqui no feminino se deve ao fato de nossas investigações tem apontado para o fato de que luta por moradia nas ocupações da região central da cidade de São Paulo tem o seu cotidiano majoritariamente construído pelas mulheres. De modo geral, além das tarefas relacionadas à casa e ao cuidado das crianças, à participação na luta por moradia e à colaboração no coletivo das atividades da ocupação, as mulheres ainda exercem algum tipo de trabalho que lhes possibilita o sustento e acompanham a vida escola dos filhos. Grafar assim, portanto, no feminino, também é uma forma de destacar que a luta por moradia é uma luta de mulheres.

8 A linha 4 – amarela – do metro de São Paulo atualmente compreende o trecho São Paulo-Morumbi até a Estação da Luz, ligando assim o setor oeste à região central da cidade de São Paulo. Quando finalizada, compreenderá, o trecho definido pelas estações Vila Sônia e Luz. Faz integração com as demais linhas do metrô de São Paulo e com algumas estações de trem.

vivenciávamos por algum tempo era lugar onde encontram-se e se encontravam sob nossos olhos a objetividade de uma vida econômica que dava o tom dos usos do espaço urbano como mercadoria, e a subjetividade, poética, vista nas relações encontradas e feitas nas brechas das agruras explícitas. É lugar das diferenças, obra e produto das relações humanas (LEFEBVRE, 2010). Sentíamos como lugar e/ou pedaço (MAGNANI, 1998) usufruídos diferentemente pelas pessoas e por quem chegava inicialmente como estrangeiros, como nós, cuja condição foi sendo alterada com a passagem do tempo e a intensificação da presença.

É incrível a mudança de personagens/sujeitos, as trocas sendo feitas, como num cenário em que a retirada dos objetos se dá pelo próprio ator. Sai o trabalhador comum, a trabalhadora toma o lugar e cria-se o mercado de corpos a serem vendidos como objetos que nos mostram que são os corpos os próprios recursos a serem desfrutados por outros. Roupas, esmaltes e perfumes de segunda mão são misturados sobre tecidos e roupas amassadas e comercializadas em gestos que vendem e ofertam o que resta na embalagem ao que resta do comprador numa esquina. O corpo todo de quem pesquisa olha tudo e em minutos chega-se ao destino, mas quantas relações o separam dessa chegada, há algo inobservável ou inapreensível que toma no desejo de vagar pelo local e apreendê-lo, porque, afinal, ele é componente e produto da vida das pessoas com as quais pesquisamos. Colocam em xeque o sonho higienista – que também compõe a história e os tempos desse lugar – de cidade que sempre segregou e expulsou violentamente as pessoas e ainda age da mesma maneira. É importante pensar sobre essa política que se refaz e se traveste a cada nova gestão política.

Da estação de trem – a conhecida Estação Luz, imponente edifício cuja presença possibilita pensar diferentes temporalidades – até o número 340 da rua Mauá, a Ocupação Mauá, são poucos metros, mas diferentes relações aconteciam. A opção pela deriva, nalguns momentos, permitia alcançar além da rua em que estava situado o edifício ocupado. Contudo, solver as fronteiras implicava encontrar-se com limites impostos pela própria condição social do local, as ruas que outrora se pretenderam europeias, eram ocupadas, sobretudo a noite, por pessoas oriundas da região do fluxo⁹ e em situação de rua que se misturavam umas às outras e compunham a população local, de forma velada.

Nossa primeira negociação era com o espaço físico e observar as relações construídas nele e por ele permitir aproximar-se do que se pretendia no início: compreender a luta pela moradia como desdobramento do direito à cidade e a composição do espaço que se dá também com as crianças que passam e vivem nele compondo-o como lugar. A luta é travada diariamente a cada passo dado no entorno. Viver demanda enfrentamentos diários e convívio com todos os grupos mencionados, ora mais, ora menos próximos ou desejáveis e não há um lugar idílico às crianças. Meninas e meninos encontram-se cruzando esses espaços todos os dias cumprindo seus diferentes desígnios. Ansiava-se – pela curiosidade da pesquisa e metodologia adotada – por esquadrihar as ruas no entorno entendendo que *estar com* implica viver esse lugar respirando-o e acreditando que as ações dos outros, ao nos interpelar, provocam-nos a pensar sobre o que nos contraria, o que nos informa, o que nos coloca dentro e nos tira, o que nos incomoda e nos acolhe.

Numa primeira olhadela e diante das condições exibidas nesse pequeno/grande espaço, não era possível furta-se ao chamado para observar a presença de homens e de mulheres, majoritariamente negros e negras, privados de tudo e que por lá caminhavam e cruzavam nossos caminhos tornando-se ausentes em sua própria presença e na dos demais na aparente perda do passado e de si, entrelaçados e produtos da repugnante e estrutural desigualdade social do país. Ao mesmo tempo em que indagações compunham os passos dados em direção ao local do destino, acredita-se que tais experiências, aqui descritas de modo sucinto, encadeiam-se diretamente à produção do conhecimento e o modificam. Perguntas acompanhavam os passos e alimentavam a pesquisa com as crianças, já que também estão por lá, ainda que de modo furtivo: como lidamos com a vulnerabilidade do outro? Como lidamos com a precariedade da vida quando ela se estampa presencialmente diante de nossos olhos e nos conduz, literal-

9 Conhecida popularmente como Cracolândia, a região do fluxo localiza-se nas imediações das Avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco, Cásper Líbero, Rua Mauá, Estação Júlio Prestes, Alameda Dino Bueno e da Praça Princesa Isabel. É assim chamada por ser considerada como “lugar do crack”, devido ao tráfico de drogas presente na região.

mente, ao caminho da pesquisa? Ela pode se constituir como barreira para o estabelecimento do diálogo necessário à pesquisa? Como lidar com sua naturalização depois de tempos de percurso? Quais os esforços para estabelecer relações e mantê-las respeitosamente mediando sentidos presentes entre todos de acordo com o lugar ocupado por cada grupo: “pesquisados”, “pesquisadores” e o entorno da pesquisa com as pessoas não diretamente relacionadas, mas presentes? Ao mesmo tempo, se no caminho chamou a atenção o limite da supressão do homem que roubava parte do olhar e das preocupações concernentes à pesquisa, mostrando que se chegava aos limites da vida, era possível ouvir músicas nos botecos indicando a chegada da noite e certo momento de relaxamento diante dos fardos do dia, também via-se as senhoras idosas – sempre duas – à espera, que parecia frustrada, da chegada de algum comprador das sacolas plásticas à venda. Percebia-se, nos grupos que se encontravam nos botecos e entre algumas crianças e moradoras da ocupação uma identificação com o lugar.

O caráter polimorfo deste espaço, que o constitui como lugar, mostra misturas e envolvia a ponto de ressaltar a importância de problematizar questões fundamentais para as pesquisas, ou seja, há um envolvimento com os sujeitos, com o campo, com as ruas e pessoas que nela passam e indicam caminhos a serem tomados que, certamente, estão implicados à produção da pesquisa. O envolvimento, agora vale reforçar, ocorria entre os três autores deste artigo, cada um a seu tempo e forma, porém, interessados em questões similares.

Se o campo nos interpela física e emocionalmente, as tantas pesquisas realizadas e que guardam aproximações com nossas temáticas são fundamentais e compõem nossas práticas. Nas últimas décadas muito tem sido pesquisado e publicado sobre questões envolvidas às metodologias de pesquisa com crianças. Kramer (2002), Faria, Demartini, Prado (2002), Soares, Sarmiento e Tomás (2005), Coutinho (2016), entre outras/os pesquisadoras/es nos trazem importantes contribuições preocupadas/os com questões éticas e o lugar das crianças nas investigações que têm a infância como ponto fundante. Quanto a temática específica “infância e cidade¹⁰” vários estudos desenvolvidos, em especial, na educação têm nos mostrado ricas experiências. Ao mesmo tempo em que nos apresentam reflexões sobre a presença ou ausência das crianças nas cidades e seus direitos (MULLER, 2007), abordam como meninas e meninos representam locais em que vivem, como lidam com a mobilidade nas fronteiras (LANSKY, GOUVEA E GOMES, 2014), como lidam com as cenas vistas e sentidas (ARAÚJO, MOREIRA e FERNANDES, 2019). Bons e vindouros ares trazem essas publicações que demonstram o peso que a temática vem ganhando, acentuando estudos e propostas pedagógicas e políticas fundamentais de Francesco Tonucci¹¹.

Esses e outros estudos têm nos trazido significativos elementos para nos aproximarmos daquilo que tem tomado grande vulto em nossas pesquisas que se traduz no problema amplo a ser enfrentado e que orienta esse artigo que é: Qual lugar ocupado pelas crianças quando discutimos e reivindicamos o direito à moradia como desdobramento do direito à cidade? Disto deriva um segundo problema e eixo de nosso artigo, qual seja, como pesquisar crianças e com crianças em movimentos sociais e moradoras de edifícios ocupados em diferentes regiões de São Paulo, crianças alijadas do direito à moradia e tudo o que isso agrega?

A chegada, ou continuidade do percurso

Mas que uso, uso do que? Uso do espaço, do tempo, do corpo, essencialmente porque abrigam dimensões de existência, os sentidos da vida: o prazer, o sonho, o desejo, o riso!... Odete Seabra

10 Para mais informações sobre o tema, recomenda-se a leitura dos artigos que constituem o dossiê “Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça”, organizado por Gobbi e Anjos (2020).

11 Também conhecido como Frato, Tonucci é um pensador, professor, desenhista e militante em defesa das crianças. Idealizador do projeto “Cidade das crianças”, realizado em Fano (Itália), que consiste em pensar a cidade tendo as crianças como referência. Sua proposta inspirou diversas outras experiências em vários lugares do mundo. Dentre suas publicações, podemos citar: “A solidão da criança” (TONUCCI, 2008), “Quando as crianças dizem: agora chega!” (TONUCCI, 2005), “A cidade das crianças” (TONUCCI, 1996), “Com olhos de criança” (TONUCCI, 1988), “Criança se nasce” (TONUCCI, 1987) e “O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade” (TONUCCI, 2020).

A portaria marcava as diferenças entre a rua e a Ocupação com suas casas, na verdade quartos pequenos e sem banheiros do antigo Hotel Santos Dumont, inaugurado em 1954 por ocasião do quarto centenário da cidade. Diversas pessoas, homens e mulheres passavam pela portaria e eram identificadas pela porteira. Havia uma sensação de suspensão ao passar por lá. Estávamos dentro, onde as relações eram orientadas de modo distinto. As relações estabelecidas no espaço interno ganhavam outros contornos quando se consentia que o de fora ficasse dentro. A exigência que todos se identificassem logo na entrada funcionava como um breve ritual e um marco divisório entre o dentro e o fora. A exigência de identificação, logo na entrada, dava indícios de pertencimento ao lugar, entre os identificáveis já bastante conhecidos e aqueles ou aquelas menos comuns.

Em pouco tempo na portaria era possível ver as crianças em suas inúmeras tentativas de sair para a rua, e a depender da idade, serem ou não barradas na portaria. Não passavam ilesos. As crianças retrucavam ao terem seu pedido negado: *E nós?* Presenciamos poucas vezes a negação do pedido para sair. Ao chegar passávamos por esta formalidade que nos convocava à percepção de mudança de cenário e relações com os de fora, suspensão no tempo que nos mostrava estrangeiras/os. Às outras pessoas o tratamento pelo nome, um aceno, uma palavra mostrava que se tratava dos de lá, diferente de nós, o grupo que *ficava com as crianças quando elas chegavam da escola*, ao mesmo tempo que ia nos vendo e mostrando que já estávamos quase dentro.

Esse acolher para dentro se dava, segundo nossa percepção, diante da abertura do sorriso e a fala “você já é daqui”, ora proferida pela Lisete responsável pela portaria, ora por Nete, uma das coordenadoras da ocupação. Essas palavras não acompanhavam apenas a abertura do portão de ferro que separa a rua do espaço interno, funcionavam como passe de entrada e indicavam o processo de familiarização em curso, que, para um ou uma de nós, implicava certo princípio de afetação que aproximava-se da compreensão de Favret-Saada (2005), em que nos deixamos tocar por outra forma de compreender o mundo, diferente do que era apresentado pelas pesquisadoras/es. Afetar-se implicando maneiras de entender a vida que pareciam semelhantes às nossas, mas não eram, e que advinham de lá de dentro em sua relação com o que estava fora. Agora, com certo distanciamento necessário à análise, fica a compreensão de que isso funcionava como um momento de suspensão e acolhida que era, frequentemente seguida de perguntas e abraços de algumas crianças. Essa comunicação, que surgia após quase três meses de entradas e saídas por esse mesmo portão, enlevava e nos conduzia de modo acolhedor para outros lugares existentes na ocupação. Estávamos dentro.

Com as crianças: Lá dentro

Fazia um calor estonteante às 19h00 de uma quarta-feira, início do ano de 2019 numa sala pequena que cumpria o papel de brinquedoteca dentro da Ocupação Mauá. Não sei ao certo se fazia calor ou se a condição de ter uma proposta de pesquisa e permanência em campo e ser avaliada por crianças fazia aumentar a sensação térmica. Engraçado, pois sempre estudei, há anos, senão décadas, a infância, falo sobre seus direitos, mas agora, eu estava na frente delas e elas podiam dizer “não queremos vocês aqui”. Isso me passava pela cabeça a todo tempo. Tinha um projeto aprovado, estava tudo indo tão bem, e a criança podia dizer, aqui não. O fato, é que foram chamadas várias, muitas crianças, algumas de suas mães, a coordenadora do MMLJ¹² e nós: a professora e estudantes com a intenção de fazer pesquisa. Olhares atentos como a perguntar “quem são elas” e perguntas objetivas para entender o que estava acontecendo, embora já tivessem

12 MMLJ – Movimento de Moradia na Luta por Justiça.

sido avisados desta noite e do que aconteceria. Apesar da apreensão achei o máximo a postura de assembleia com tantas crianças, incluindo dois bebês nos colos de mães e/ou crianças maiores, talvez amigos ou parentes. Uma lição de participação com crianças e exercício que implicava questionar a literatura sobre infância, na prática, bem como, a política a ser feita com crianças. Após sermos interrogadas/os sobre quais eram as propostas, as crianças decidiram que poderíamos estar com elas a partir das 18h00 e brincar, ler, ocupar a brinquedoteca. Aos gritos frenéticos de “quem não luta tá morto” a reunião acabou. (Caderno de campo, Marcia Gobbi, abril/2019)

A tessitura do cotidiano acontecia *lá dentro* da Ocupação *com* e *entre* as crianças. A rede de articulações entre elas e as adultas definiu, junto conosco, quais os melhores dias e horários em que poderíamos estar com elas e o que seria bom fazer junto, assim, justificamos nosso horário, a partir das 18h00, por ser o justo espaço de tempo entre a chegada das instituições de Educação Infantil e de Ensino Fundamental e o momento de dormir, isso entremeadado por salgadinhos, doces e outras coisas “beliscadas”. Íamos noutros dias e horários, mas para as finalidades deste artigo, trazemos apenas esse recorte. Ainda inseguras/os quanto ao consentimento e/ou assentimento para a pesquisa conversamos com parte das crianças que estavam constantemente conosco sobre pesquisar. *Ahhh a gente sabe o que é fazer pesquisa. Vocês vão fazer pesquisa? Tudo bem*, afirmavam as crianças¹³. Nossa presença implicava um tempo para brincar, correr pelos espaços da Ocupação, propor coisas mirabolantes, parece que o desejo era estar junto com outras pessoas, outras crianças e conosco. Estávamos lá. A assembleia para nossa apresentação e discussão sobre proposta junto às crianças identificava que não se trata de aceitar a seco a presença do outro. Trata-se de uma relação produtora de sentido, de produção de conhecimento entre pesquisadores e pesquisados, entre as crianças da Ocupação e as mulheres e homens pesquisadoras/es. Buscando compreender essa relação a partir de alguns apontamentos de Viveiros de Castro (2002) e guardando respeito aos objetos de estudos do pesquisador, consideramos que o sentido estabelecido por nós àquilo que era produzido pelas crianças nas relações entre elas dependia do sentido dado por elas, mas ainda assim, conforme Viveiros de Castro referindo-se aos nativos, somos nós quem estávamos explicando, interpretando, traduzindo, textualizando e contextualizando esse sentido, e o fazemos com as crianças, o que se torna uma produção coletiva de conhecimento.

Questão oportuna é o que fazemos com o que aprendemos com as crianças em campo, ou ainda, com o que descobrimos sobre o que elas pensam acerca do mundo e, em nosso caso, sobre as Ocupações. O fato é que temos uma vantagem estratégica como pessoas adultas em relação às crianças e lutamos por não cometer, o que, entre outras coisas, poderia ser compreendido como epistemicídio¹⁴ junto e desde as crianças. Podemos compreender que a negação da condição de sujeitos de conhecimentos – estudada por Carneiro (2005) referente aos povos negros e adultos – pode ser extensiva às crianças construindo vagaroso impedimento da produção de conhecimento dos grupos aos quais pertence e dos próprios grupos infantis. Seus conhecimentos são desvalorizados ou ocultados prevalecendo, não aqueles provenientes de qualquer adulto ou adulta, mas privilegiadamente, brancas e de determinada classe social.

Optamos por estar junto das meninas e meninos, desde bebês, não sendo possível e nem desejado por nós a definição de grupos etários, observamos que os bebês são cuidados pelas crianças mais velhas – nem sempre irmãs biológicas – a todo instante enquanto as adultas exercem outras atividades e misturam-se nos grupos. Algumas vezes, sob a pergunta

13 A Ocupação Mauá já foi campo outras pesquisas que, embora não tenham tido as crianças como interlocutoras diretas, nos apresentam indícios da familiaridade das crianças com pesquisas. Dentre as investigações, podemos citar as pesquisas de Cortez (2019), Bologna (2018), Schiavi (2018), Braconi (2016), Grandi (2015) e Paterniani (2013). Podemos citar, ainda, o documentário de curta-metragem intitulado “Ocupação Mauá”, de Tadeu Jungle (<https://junglebee.film/cases>).

14 Usamos o conceito cuidadosamente referindo-nos às crianças, apreendido aqui a partir da tese de Sueli Carneiro (2005) referindo-se às perversas e cotidianas práticas de racismo que silenciam a produção de conhecimento de negros e indígenas no processo de colonização e sua continuidade.

“você gosta de nenê?” Os nenês eram colocados em nossos colos, afinal, dizíamos que sim, gostávamos de bebês! E então os cuidados eram partilhados. É nessa relação que se pretende conhecer o outro mundo possível (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) não apenas com as crianças, mas delas.

O desafio é fazer espalhar as condições de sujeito, ou de pesquisadores/as e pesquisados/as, de forma que não haja ponto de vista dominante, mas diríamos, haja um aprendizado comum aos envolvidos. Desafio, pois ao estarmos com as crianças, e em condições mais vulneráveis, somos tomadas/os na ação de proteção em que fica subsumida uma perspectiva adultocentrada, ainda que a neguemos. A agulhoada é justamente estar ciente de que nossa condição de existência no campo está relacionada às crianças, sem elas não existiríamos ali, e nem o campo, pois ele é construção e condição desta infância. Estávamos implicadas/os e buscadoras/es de formas que questionem o mero contato, por saber que não podemos resumir o fazer pesquisa com as crianças a isso, não é tradução do que se vive, a luta, tão digna e necessária no cotidiano se dá de outras formas, que desconhecemos, mas tentamos e continuamos na tentativa por apreender.

A ocupação passava a ter outro sentido conferido pelas crianças. Uma fala recorrente e variável apontava para o apreço ao lugar em que moravam, é o lugar das relações, da vizinhança, dos amigos e nem tanto, e é lugar que resulta da luta política que conferia dignidade, para as famílias, para as crianças, era lugar temporário para algumas que esboçavam o sonho de “sair fora”.

As crianças inicialmente nos perguntavam se dormiríamos lá. O que isso implica? Acreditamos que refere-se ao vivido de nossas relações, talvez, resultante da compreensão de que *a observação participante não é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, sob o pretexto de estar aprendendo com elas* (INGOLD, 2016, p. 436). Essa e outras questões nos vinham, sobretudo, ao longo de certas práticas coletivas pedidas pelas crianças. Estar junto era imprescindível e resultava da conquista e construção de vínculos e da respeitosa forma de tratamento que se delineava. Era preciso desenvolver a escuta e isso resulta de um árduo e vagaroso aprendizado, é ato e palavra. Desenho, contar histórias, teatro, fotografia estavam entre os pedidos frequentes, mas nada como fazer *slime*¹⁵, solicitação recorrente à qual procurávamos atender produzindo-o por vezes consecutivas. Por tempos indagamos a pertinência dessas práticas pelo receio de aproximá-las de possíveis atividades realizadas nos contextos de instituições educacionais, contudo, consideramos que a metodologia de pesquisa vai se construindo no transcorrer da pesquisa e que estar com as crianças implicava o processo de proposição, negociação e aceitação de ambas as partes.

Fazer *slime* ou outra atividade cuja proposta partia dos interesses e das necessidades das crianças também é indício da aceitação das crianças ao convite de estar semanalmente conosco, atualizando os processos de assentimento da participação na pesquisa que, mais do que formalidades, são construídos na relação com as crianças durante todo o percurso de investigação e que envolvem os direitos de ingresso, de permanência e de desistência da participação nas atividades de pesquisa por parte das crianças (ANJOS, 2015). Dallari (1986), afirma que muitas vezes, sob o pretexto de educar as crianças ou se valendo da posição de adultos, anulamos e/ou dirigimos as suas vontades e, por isso, precisamos estar atentos na relação com as crianças, pois o direito de querer ou de não querer, implica na manifestação da própria vontade sem receios ou sensações de mal-estar.

Percebemos que esses encontros permitiam o acesso a informações e conhecimentos que as crianças têm sobre a cidade, sobre o grupo, sobre as moradias e seu cotidiano e que, curiosamente, as chaves para isso vinham das próprias crianças e suas sugestões e que ao conviver com elas emergiam formas de luta cotidiana, a qual chamamos de lida diária com a vida. Por serem encarados como encontros, nos víamos participando de suas vidas a partir de dentro, considerando, evidentemente, nossos limites em estar lá, já que efetivamente, não éramos moradoras e morador, mas estávamos por lá no transcurso de suas vidas, ainda que

15 Slime se tornou objeto de desejo das crianças por toda a cidade de São Paulo – e talvez por outros lugares – durante este tempo de pesquisa. Era possível comprá-la por altos valores e, por isso, fazê-la de forma caseira era solicitado a todo instante. Sua textura maleável permitia o manuseio por dias a fio.

por algumas horas. Ailton Krenak (2020) corrobora com essa percepção ao afirmar “eu sempre convoco uma humanidade para andar comigo” (p. 7) e assim, convocamos as humanidades contidas em nós para andar com as humanidades contidas nas crianças, antes, durante e depois da pesquisa.

Dentro dos limites do artigo não nos ocuparemos de descrições minuciosas desses encontros, pois não se trata de um relato das práticas metodológicas, e sim, breves reflexões sobre elas. As formas artísticas escolhidas pelas crianças e por nós encontram-se no que reconhecemos ser uma forma vigorosa de produzir encontros e elaborar respostas e perguntas para o mundo e relações produzidas e vividas.

Nos encontros, destacamos a elaboração de desenhos. Considerados como forma de escrita etnográfica para pesquisadores/as e como modo recurso de observação poderoso em único movimento gestual (INGOLD, 2017), eram produzidos com materiais variados – lápis de cor, canetas hidrográficas, giz de cera, tintas –, destacam-se com papel importante e investigativo com e entre as crianças sobre morar e o viver nas ocupações e na cidade. Assim, ele estava conosco, durante ou após a estada em campo, numa busca por desenhos de memória, e entre as crianças. Em alguns momentos esses desenhos são realizados sem temáticas definidas, em outros eles são sugeridos a partir da leitura de um livro com temática relacionada às questões colocadas pelas próprias crianças. Conversamos muito enquanto desenhávamos numa espécie de registro gráfico do mundo e de nossos mundos que se entrecruzavam e se apartavam em alguns momentos. Manter-se atento ao que os outros estão dizendo ou fazendo, atentar-se ao que acontece à volta, acompanhar e estar à disposição, mesmo sem saber onde vai dar. Como diria Ingold (2016), é prática de correspondência em que se vive atentamente com os outros numa coprodução de conhecimento.

Com as crianças: Lá fora

Abracos acolhedores, logo na entrada nos implicavam a estes espaços coletivos com as crianças e reconhecemos certos pedaços da Ocupação como sendo construídos pelas crianças e outros produzidos a partir da presença e solicitação, ainda que indireta, das próprias crianças dentro da moradia. Ao usarmos a categoria pedaço desenvolvida por Magnani (1998) conseguimos definir a existência de dois pedaços dentro de um maior, a rua Mauá, em frente à Estação Luz da CPTM, em articulações de aceitação e negação entre o *fora* e o *dentro* e a relação com o interior da ocupação. As crianças transitavam nos poucos metros entre a entrada da Ocupação e os boxes onde alguns de seus familiares – majoritariamente mulheres – trabalham como vendedoras/es de variados produtos. Atenção e cuidado estavam reservados às crianças o que conferia aos boxes uma parte desse lugar entre Ocupação e rua, entre dentro e fora.

Ainda que o anoitecer trouxesse *lá fora* pessoas em situação de rua e outras relacionadas à região do fluxo, as crianças que por lá passavam, demonstravam familiaridade com o espaço e essas tinham autorização para sair dirigindo-se ao “box”. Ouvindo as falas de algumas crianças percebia-se o conhecimento de que sair era algo desafiador, ao mesmo tempo em que naturalizado por elas. É necessário destacar que começamos a circular mais confiantes por esse pedacinho pelas mãos das crianças, elas nos davam segurança naquele espaço transformado em lugar produzido também por elas, desde pequenas. Começamos a compô-lo pela frequência com que o frequentávamos e por sermos reconhecidas por algumas mulheres que trabalhavam nos boxes, havia uma sociabilidade mais ampla. As crianças e adultas nos identificavam de algum modo a partir da composição de elementos que relacionados à fala, repertório que apresentávamos, vestimentas, gestos as levaram a nos identificar e algumas a nos chamar de professora e professor. Se nossa questão central trazia a preocupação com o direito à moradia como desdobramento do direito à cidade, entre outros, começamos a perceber essa relação estendida à construção de outras formas de sociabilidades sustentadas na rede de parentesco e de amigos que também cuidavam das crianças e de sua segurança nesses espaços.

A presença da Ocupação nessa região permite pensá-la como território (SANTOS, 1998). Compreendido em sua verticalidade de relações e redes, não pode ser apreendido apenas como região geograficamente definida. Apresenta-se por lugares em redes criando solidarie-

dades e relações próximas entre os grupos, inclusive os infantis, que, apesar da condição bastante vulnerável em que vivem, encontram brechas e recriam suas relações conferindo outro tom ao lugar. Seguramente a Ocupação tem presença emblemática e estabelece orientações reguladoras da vida entre as pessoas moradoras e frequentadoras desse lugar, é possível dizer que confere dignidade às relações e ao lugar, ao mesmo tempo em que traz questões extremamente oportunas para se pensar sobre infância e cidade e o direito à cidade com e das crianças.

Morar dignamente é ampliar o direito das crianças à cidade e elas, a seu modo, vão nos mostrando isso em suas idas e vindas, sem adultas ou adultos a conduzi-las, mas isso será tema de outras reflexões.

Pesquisar em tempos de pandemia, ou, quando o presidente da república do Brasil diz: “e daí?”

Enquanto pesquisávamos – a pesquisa finalizou-se parcialmente e pretendemos continuar em campo – ficamos imersos na Covid-19 que tomou conta dos espaços por onde andamos e os têm transfigurado. Julgamos importante informar essa condição e propor reflexões a partir dela. Não temos nada conclusivo, mas não podemos ficar incólumes.

Os espaços têm se assemelhado a tecidos puídos, num esgarçamento em que nos deparamos com o vazio que os silenciam apesar do ruído de alguns poucos passos que ousam serem dados, por necessidade ou por ignorância. E as crianças? As relações estabelecidas com o espaço e que o transformava em lugar, também pelas crianças, tomaram outros rumos. Devido ao decreto municipal que obriga o fechamento de lojas na cidade de São Paulo, os boxes, que antes favoreciam as relações entre os espaços de fora e de dentro e provoca a presença das crianças nas ruas e por mais tempo, encontram-se fechados. Segundo notícias dadas pela coordenação da Ocupação elas têm ficado dentro de suas casas, onde convivem, em média, 6 (seis) pessoas em espaços que não possuem mais do que 10m².

As escolas e outros espaços fechados fizeram com que, por absoluta necessidade, as crianças não mais ocupassem as ruas e restringissem suas relações aos pequenos locais de moradia. Afinal, a forma como a cidade se organiza e a seus bairros e ruas, particularmente, também define quem são as crianças, o espaço é produzido pelas pessoas (LEFEBVRE, 2013), mas ele também as forma, em constante relação e agora se vê modificado velozmente por uma pandemia. O isolamento físico importa para pensar sobre as relações das crianças nas cidades. A preocupação frequente é o que fazer para continuar as pesquisas e manter-se vivo e aos outros.

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p.114).

No ensaio “Experiência e Pobreza” ao referir-se à ascensão de Hitler na Alemanha, Walter Benjamin indaga sobre as experiências possíveis naqueles tempos: pobres, sem o que comunicar. Guilherme Wisnik (2018), décadas depois, no Brasil, retoma essas reflexões, mas trata de outras formas de experiências ou ausências delas numa cidade que se transformou e às relações sociais em densas partículas de signos sem pontos de partida ou chegada, como numa tela do pintor Pollock. Contudo, nesse tempo pandêmico, não estamos mais imersos em nuvens, assim nos parece, como brilhantemente reflete Wisnik, numa forma que nos prende e envolve sem variações, como névoa.

O vazio imposto a essas ruas, sobretudo, nas regiões da Luz, Sé, Brás em São Paulo, fazem dissipar a névoa que enublavam os olhos e colocam diante de nós distintas pobreza: a fome, os corpos que passaram a perambular pelas ruas, a desigualdade social, que sempre esteve entre nós, orientando nossas vidas, mas que anuviados não víamos com tanta força e

clareza. Há um rasgo na névoa que expõe as ruas vazias. Que experiências estamos tendo? O que está restando destes tempos? Que relatos fazer a partir do que está sendo vivido atualmente? Não nos atemos ao como continuar vivendo, mas neste artigo, relacionamos essa pandemia com a pesquisa e perguntamos: Como é pesquisar e pensar quando somos invadidos/os, como afirmou Latour (2019), pelo sentimento coletivo de que perdemos o mundo? Nosso sentimento de perda do mundo tem se agigantado e pode percorrer vagarosamente, entre tantos espaços de nossas vidas, também os locais em que pesquisamos, transformando-os.

Tecnologias digitais da informação e da comunicação, aplicativos diversos, redes sociais e universo online. Multitarefa foram tomando conta de parcela da sociedade – aquela que, de um modo ou de outro, pode cumprir o isolamento físico. Nessa ausência de variações tonais a que foi reduzida a vida pandêmica, continuamos, mergulhados nessas condições procurando formas de mantermos as relações com as crianças, agora, alvos da Covid-19, junto às suas avós e familiares com quem convivem diariamente.

Métodos de pesquisa com crianças, lá vamos nós, numa busca por criar formas de estar junto quando não se pode estar. Questionamos certa presença influenciadora e nimboza das redes sociais, contudo, as tomamos em sua acepção restrita e de fato buscamos constituir rede de relações virtualmente. *Podcast*¹⁶, *cartazes*¹⁷, grupo fechado em redes sociais e produções de vídeos¹⁸ são algumas das produções que têm aproximado e pretendido manter relações com os grupos de mulheres e crianças, embora poucas. Este grupo participante destas formas de estar junto no isolamento físico também poderia ser maior se parcela significativa destas pessoas não fizessem parte do grupo de excluídos/as digitais, que é uma das formas de exclusão social com as quais estas pessoas têm que lidar cotidianamente. Não nos cabe defender ou criticar uso de tecnologias nesse texto, mas problematizar que, nesse cenário em que as soluções apontadas por diversos campos e serviços tem sido realizados por meio de acesso à dispositivos tecnológicos e à internet, o abismo entre ricos e pobres se torna ainda mais profundo.

Neste cenário, criamos um conjunto de *podcast*, chamado “em movimentos” como forma de tratar em poucos minutos, sobre questões relevantes para a vida na moradia: infância, cuidados, mulheres, gênero, raça... direitos. Os temas são apresentados como pílulas de reflexão semanalmente. Inicialmente deveriam circular somente nas Ocupações onde pesquisamos, contudo, o “em movimentos” ganhou asas e tornou-se público. Temos pesquisadoras e pessoas comuns apresentando seus pensamentos e os colocando a público. Têm sido bem recebidos e resulta do envolvimento profundo do grupo de pesquisas “Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens”, especialmente das mulheres que o compõe, pois o projeto também é realizado por mulheres para mulheres. Além dos *podcast*, mais ouvido pelas adultas, houve a produção de cartazes, que foram colados em todos os corredores de todas as ocupações, com informações sobre a Covid-19 e a produção de vídeos a partir dos desenhos e fotografias produzidos pelas crianças.

Os vídeos foram enviados às coordenações das ocupações que reproduziram para as crianças. Aqui, novamente, há uma questão importante a destacar: assistir vídeos, compartilhá-los, reproduzi-los implica ter acesso à internet. Observamos inicialmente que poucos *podcasts* eram baixados. Não nos demos conta de que há o impedimento do acesso, embora

16 Podcast se trata de conteúdo produzido em formato de áudio e que é disponibilizado por meio de arquivos ou streaming. Dentre as vantagens, se encontra o fato de que o conteúdo pode ser acessado de acordo com a disponibilidade de tempo do ouvinte. Muitos conteúdos encontram-se nos podcasts “em movimentos”, coordenados por Marcia Gobbi e criado coletivamente por integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas “Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens”. Desse projeto, surge o livro digital “Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do podcast ao livro (GOBBI e PITO, 2021).

17 Os cartazes foram impressos e produzidos por Paula Martins Vicente e Beatriz Bitu Boss a partir de desenhos e fotografias criados pelas crianças em oficinas mencionadas neste artigo. Eles foram colados nos corredores das ocupações e tinham como objetivo levar informações básicas sobre a Covid-19 a partir das produções infantis.

18 Foram produzidos vídeos por participantes do grupo de estudos Crianças, práticas urbanas, gênero e imagens, sob coordenação de Marcia Gobbi. A produção do vídeo contou especialmente com a orientação de Nadia Massagardi Caetano, Beatriz Bitu Boss e Paula Martins Vicente. O intento foi, a partir de desenhos produzidos pelas crianças das ocupações, produzir vídeos em que pudéssemos tratar de informações básicas sobre a Covid-19. Os vídeos encontram-se disponíveis no site da FE-USP.

tenham celulares, onde poderiam visualizar as imagens, o aparelho não possui o necessário para essa reprodução. Inserimos, então, os *podcasts* produzidos em um canal no YouTube¹⁹, como outra possibilidade de acesso. Agora estamos construindo um grupo fechado na rede social *Facebook* com as crianças de forma que possam postar desenhos, falas, filmes e o diálogo conosco. Nosso objetivo é o não afastamento e a produção de conhecimento coletivo sobre a Covid-19, nesse momento pandêmico, na esperança de, quem sabe, produzirmos algum sentido nesse momento diante de tantas mortes e tristezas, num tempo em que há um presente prolongado sem a sensação de futuro.

A gestão do presente, que parece eterna e sufocante, impõe estar longe uns dos outros, traz uma narrativa angustiante em que a certeza é a pobreza generalizada, fria e vagarosamente planejada num projeto que conduz de modo silente à morte de alguns grupos sociais. *Quem não luta, tá morto*, como disseram as crianças em assembleia. Com essa fala e seus atos elas nos ensinaram a não resignar-se. Palavras escritas em luta, formas criadas para a manutenção do vínculo e da produção de pensamento junto com as crianças. *“E daí? Lamento, quer que eu faça o que?”* responde o presidente da República do Brasil diante da morte de milhares de pessoas no país e nos implica à perversidade humana.

Contrariando os lamentos de que não há o que fazer, na dinâmica deste presente procuramos ansiosamente viver e ouvir as crianças que nos dizem de outras formas de lutas cotidianas. Há um chamamento para mudança. Como disse Ailton Krenak (2020) *se voltarmos à normalidade é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas*. Se não seremos os mesmos, que sejamos outros e as crianças certamente têm muito a nos ensinar, sobretudo que não são todas iguais, que pulsam diferentemente pela vida, que lutam em estado de desigualdade e que temos que estar junto nisso.

Referências

ALDERSON, Priscilla. **Children as Researchers**. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (Orgs.). *Research with Children: perspectives and practices*. London: Routledge, 2008.

ANJOS, Cleriston Izidro dos. **Tatear e desvendar**: um estudo com crianças pequenas e dispositivos móveis. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Alagoas, 2015. 271f. Disponível: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1641>

ANJOS, Cleriston Izidro dos.; PEREIRA, Fábio Hoffmann. **Educação Infantil em tempos de pandemia**: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 3-20, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e79179>.

ARAUJO, Vania, Jader Janer Moreira, Maria Lidia Bueno Fernandes. Dossiê **“Crianças e suas infâncias na cidade”**. Vitória, ES. a.16,v.21,n.49, Jan/Jun2019 Disponível: <https://doi.org/10.22535/cpe.v21i49>

BENJAMIN, Walter. **Experiência e Pobreza, Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLOGNA, Paula Cristina Corrêa. *Narrativas, “espaço” e dádivas*. **A conformação de um Movimento de Luta por Moradia**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2018. 165 f.

BRACONI, Julio Cesar. **A disputa pela moradia na região central de São Paulo**: uma análise

19 Plataforma de compartilhamento de vídeos no universo online.

das ocupações Prestes Maia, Mauá e Cambridge. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. 165f.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**, São Paulo: editora FFLCH, 2007.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CORTEZ, Rayssa Saidel. **Água no Centro: segurança hídrica em uma ocupação popular por moradia na área central de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Território). Programa de Pós-graduação em Planejamento e Gestão do Território, Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2019. 154 f.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. **Os novos estudos sociais da infância e a pesquisa com crianças bem pequenas**. Revista Educativa, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 762-773, set./dez. 2016.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Os direitos da criança**. In: DALLARI, Dalmo de Abreu; KORCZAK, Janusz. *O direito da criança ao respeito*. São Paulo: Summus, 1986.

FARIA, Ana Lúcia G.; DEMARTINI, Zeila B. F.; PRADO, Patrícia. (org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Editora Associados, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. In: Cadernos de campo, n. 13:155-161, 2005.

GOBBI, Marcia Aparecida.; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Dossiê temático **“Perspectivas para pensar as cidades: infâncias, educação, democracia e justiça”**. Práxis Educacional, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 13-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i40.6986>. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6986>.

GOBBI, Marcia Aparecida.; PITO, Juliana Diamente. **Coletivos, mulheres e crianças em movimentos: na pandemia, do podcast ao livro**. São Paulo: FEUSP, 2021. DOI: 10.11606/9786587047133. Disponível: <https://doi.org/10.11606/9786587047133>.

GRANDI, Matheus da Silveira. **A construção escalar da ação no movimento dos sem-teto**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. 346 f.

INGOLD, Tim. **Chega de etnografia!** A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação* (Porto Alegre), v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

INGOLD, Tim. **Antropologia para quê?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/ 2002 Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41-59, julho/ 2002.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. **O sentimento de perder o mundo, agora é coletivo**. Jornal online, El

país Brasil, 2019. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html.

LEFEBVRE, Henri. **La Produccion del espacio**. Espanha, Madrid. Editora Capitán Swing, 2013.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

MULLER, Fernanda. **Retratos da Infância na Cidade de Porto Alegre**. Tese Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em educação. UFRGS. Porto Alegre, 2007.

PATERNIANI, Stella Zagatto. **Política, fabulação e a ocupação Mauá: etnografia de uma experiência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2013. 256 f.

SANTOS, Milton. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

SANTOS, Solange Estanislau dos; SARAIVA, Marina Rebeca de Oliveira. **O ano que não tem fim: as crianças e suas infâncias em tempos de pandemia**. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1177-1187, dez./dez., 2020. Disponível: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1177>.

SCHIAVI, Iara Franco. **Ocupações por moradia em São Paulo: a dicotomia centro-periferia**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais, Santo André, Universidade Federal do ABC, 2018. 164 f.

SOARES, Natalia; SARMENTO, Manuel; TOMAS, Catarina. **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças**. Nuances: Estudos sobre Educação UNESP – Presidente Prudente, vol. 12, nº 13: 49-64, 2005.

TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Lisboa: Instituto Piaget, 1988.

TONUCCI, Francesco. **Criança se nasce**. Lisboa: Instituto Piaget, 1987.

TONUCCI, Francesco. **La ciudad de los niños: um modo nuevo de pensar la ciudad**. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1996.

TONUCCI, Francesco. **O direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade**. Práxis Educacional, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 234-257, 2020. DOI: 10.22481/praxisedu.v16i40.6897. Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6897>.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O nativo relativo**. In: Mana vol.8 no.1, p. 113-148, Rio de Janeiro, abril de 2002.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do Nevoeiro**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.